

issn: 2176-5960



Προμηθεύς
journal of philosophy



n. 35 January/April 2021

EU E TU COMO PROPOSTA DIALÓGICA EM MARTIN BUBER

Maycon Renan da Silva¹

RESUMO: O filósofo e teólogo Martin Buber acentuou de forma clara duas atitudes que o homem pode ter frente ao mundo. Tais atitudes se traduzem pelas palavras-princípio Eu-Tu e Eu-Isso. A palavra-princípio Eu-Tu refere-se a uma atitude de encontro do Eu e do outro que se está em face. Encontro onde acontece a reciprocidade, a vida dialógica. A palavra-princípio Eu-Isso refere-se a coisas da experiência, coisas objetivantes, é quando se toma algo em sentido utilitário e não se vivencia o diálogo de forma autêntica. Para Martin Buber o indivíduo somente pode realizar-se de maneira plena através de um comprometimento verdadeiro com o próximo. Isso somente ocorrerá quando ele efetivar uma relação de diálogo e comprometimento com o outro, por meio da relação Eu-Tu.

PALAVRAS CHAVE: Martin Buber. Palavra. Eu-Tu. Eu-Isso. Diálogo. Relação.

Abstract: The philosopher and theologian Martin Buber clearly emphasized two attitudes that man can have related to the world. These attitudes can be displayed through the principle words I-You and I-This. The principle word I-You refers to the attitude of meeting between the I and the other one face to face. The meeting must have reciprocity and dialogue. The principle word I-This refers to experience of things, objectifying things. It occurs when we take things for utilitarian sense and this way we do not live the authentic dialogue. According to Martin Buber, the individual only can take place through the genuine commitment to the other one. This only can develop when he had a relationship based on dialogue and commitment between each other, through I-You relationship.

KEYWORDS: Martin Buber. Word. I-You. I-this. Dialogue. Relationship.

¹ Doutorado em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Brasil (2020)
Pároco do Paróquia Nossa Senhora de Fátima, Brasil.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo tem com intento apresentar alguns elementos da filosofia do diálogo do filósofo e teólogo Martin Buber. Sendo austríaco-judeu, Martin Buber presenciou duas grandes guerras, de modo que assistiu inúmeras matanças e atrocidades. Viu como os judeus foram perseguidos e massacrados pelo Nazismo, e diante de tudo isso, apercebeu-se submergido em torno de uma grande monstruosidade. Por isso, no seu pensamento, ele se preocupou em tratar de questões relacionadas à alteridade, diálogo, de modo que, para ele, a solução se trata do Tu ser resgatado no mundo da relação, frente à afirmação somente do Eu. Isso significa dizer que o homem afirmando-se a si mesmo, esquece do outro.

No presente artigo, de início, se apresentará a importância da “palavra” para o diálogo, e posteriormente o valor das palavras-princípio Eu-Tu e Eu-Isso, que são as duas possibilidades do homem realizar sua existência no mundo. Assim, é a partir delas que Buber apresenta as formas de relações existentes. O Buber rejeita a filosofia da identidade em que um Eu se afirma por si mesmo.

Dessa forma, será comparado o pensamento de Buber com a filosofia da identidade cartesiana. Descartes, na segunda meditação metafísica, apresenta o momento essencial em que a consciência se identifica consigo mesmo ao nível do pensamento: “penso, logo existo”. De modo contrário em Buber, a consciência do Eu em vez de ser dada de maneira solipsista, somente pode ser dada numa determinada relação, seja com o Tu, seja com o Isso. Feuerbach será citado em seguida, pois ele também rejeita a filosofia da identidade. Ele é uma das fontes que Buber bebe para construir sua proposta do Eu e do Tu.

Segundo Buber o homem tem sua realização na comunidade, no relacionamento com o outro. Portanto, o sustentáculo da comunidade é a relação Eu-Tu. Buber valoriza muito as relações existentes entre o Eu e o Tu, mas tais relações não podem ficar fechadas como se fossem “mundinhos”, todas juntas devem formar a comunidade que visa a vida, o amor; comunidade em que os homens sejam íntegros, maduros, serenos e de boa vontade.

Portanto, o pensamento buberiano sobre o diálogo é de grande importância e muito atual, pois não só no tempo de Buber, mas também hoje existe a falta de relação, proximidade, diálogo genuíno entre os homens. Sua proposta, mais do que uma utopia ou análise da linguagem é uma proposta vivencial. É somente no diálogo que o homem pode viver autenticamente.

2 EU E TU COMO PROPOSTA DIALÓGICA EM MARTIN BUBER: IMPORTÂNCIA DA PALAVRA

O filósofo e teólogo Martin Buber apresenta a palavra como sendo dialógica, ou seja, quando alguém profere alguma palavra certamente tal palavra está sendo direcionada a alguém, a outra pessoa. Quando a palavra é proferida o homem se atualiza na existência. Por meio dela o homem põe-se frente aos outros. Na mesma ótica Bachelard diz que:

Por mais abafado, tão mal balbuciado que seja o diálogo, ele traz a dupla marca do dado e do recebido, ou ao menos, como um prelúdio, a dupla tonalidade da aspiração e da inspiração das almas. Então, o ouvido é ativo, pois prestar ouvido é querer responder. Receber é se prestar a dar (BACHELARD apud ZUBEN, 2003, p. 87).

Independentemente da palavra que se profere, ela traz consigo duplo direcionamento: dar e receber. Quando alguém profere alguma palavra, certamente quer oferecer algo, e aquele que ouve quer prestar ouvido, isso já sinaliza que prestar ouvido é querer responder. Aí é possível perceber tamanha importância da palavra na relação dialogal, pois falar e ouvir é dialogar.

A atitude do homem no mundo depende da palavra que ele profere. Quando ele a profere, ela o atualiza na existência. Na relação é a palavra que faz com que dois homens ou mais se relacionem entre si, ela os anima, é um componente muito importante da estrutura da relação, do diálogo. Pode-se dizer que é a estaca e a atualização real do inter-humano. É por ela que o homem sai de si em direção ao outro, em direção do Eu ao Tu; ela, a palavra, gera relação.

Na citação a seguir, Buber fala sobre a palavra. Para ele é preciso que o homem esteja atento para respondê-la, e ele explicita também como tal homem deve proceder ao ouvi-la quando esta é dirigida por Deus:

Ouvir a palavra que te é dirigida, por mais desafinado que seja o som com que ela fira o teu ouvido, - e não deixar ninguém interferir! Dar a resposta vinda das tuas profundezas, onde vibra ainda o sopro daquilo que te foi insuflado, - e a ninguém é permitido te influenciar (BUBER, 1982, p. 112).

Buber dá grande importância à palavra, e sem dúvida pode-se perceber a influência da mística judaica, quando ele diz que é pela palavra que Deus criou o mundo, sendo essa uma passagem relatada pela Bíblia. Não é o homem que carrega a palavra, que domina a palavra, mas é ela que o mantém no ser, ela possui a função portadora do ser. Aquele que fala, profere a palavra que dá origem à relação, ao diálogo, e a palavra-princípio segundo ele não é etiqueta, mas uma realidade que por sua vez está ligada de forma íntima na essência humana, porque a partir do momento em que a palavra-princípio é proferida ela fundamenta uma existência.

Algo que deve ficar claro é que a intenção de Buber não é fazer análise da linguagem como fazem os linguistas e filósofos da linguagem que têm por intenção dissecá-la para determinar sua estrutura lógica e semântica. A linguagem para esse pensador é palavra proferida, palavra que invoca o outro, gera resposta, palavra que anima, palavra que é um dos componentes da estrutura de um diálogo. Sua pretensão é falar da palavra enquanto sendo aquela que fundamenta a relação do homem, é o significado existencial dela. Em se tratando das palavras-princípio, elas estão no tópico a seguir do presente artigo. Zuben fala sobre a palavra afirmando que:

A atitude do homem em face do mundo se manifesta com uma palavra. Esta palavra, uma vez proferida, traz o homem à existência. Não é simples função do Eu. Ela é essencialmente relação, seja a relação mais intensa que Buber denominou *Beziehung*,² seja o relacionamento *Verhältnis*.³ Pela palavra, o Eu se projeta ao outro que lhe está defronte (ZUBEN, 2003, p. 150).

A palavra que é dirigida por um “eu” direciona este “eu” para o mundo, ou seja, é a palavra que vai determinar a atitude do homem. Há duas atitudes que podem ser determinadas, fundamentadas em duas palavras-princípio: “Eu-Tu” e “Eu-Iso”. A palavra faz com que uma pessoa saia de si em direção ao outro, ela é pejada de reciprocidade. A partir do momento em que um vai em direção ao outro é como se tal

² *Beziehung* significa relação (BUBER, 2006, p. 141).

³ *Verhältnis* significa contato (BUBER, 2006, p. 142).

pessoa retornasse à sua terra natal, de onde viera. É como se ao sair de si e ir em direção ao outro chegasse mais próximo do seu ser. Sendo assim, é palavra que gera relação, palavra que gera diálogo.

2.1 AS PALAVRAS PRINCÍPIO EU-TU E EU-ISSO: DUAS ATITUDES DO HOMEM FRENTE AO MUNDO

Buber acentuou de forma clara duas atitudes que o homem pode ter frente ao mundo, essas atitudes se traduzem pela palavra-princípio Eu-Tu e pela palavra-princípio Eu-Isso. A palavra-princípio Eu-Tu refere-se a uma atitude de encontro do Eu e do outro que lhe está em face, encontro onde acontece a reciprocidade, a vida dialógica. A palavra-princípio Eu-Isso se refere a coisas da experiência, coisas objetivantes, é quando se toma algo em sentido utilitário, também pode ser considerado como o lugar da experiência. Na sequência Buber descreve a dupla possibilidade de existência do homem. Segundo Buber:

O mundo é duplo para o homem, segundo a dualidade de sua atitude. A atitude do homem é dupla de acordo com a dualidade das palavras-princípio que ele pode proferir. As palavras-princípio não são vocábulos isolados mas pares de vocábulos. Uma palavra-princípio é o par Eu-Tu. A outra é o par Eu-Isso no qual, sem que seja alterada a palavra princípio, pode-se substituir Isso por Ele ou Ela. Deste modo, o Eu do homem é também duplo. Pois, o Eu da palavra-princípio Eu-Tu é diferente daquele da palavra princípio Eu-Isso (BUBER, 2006, p. 53).

Quando o homem se defronta com outro ser⁴ e profere a palavra-princípio Eu-Tu ambos entram em relação. É fundamental compreender que o homem é um “ser de relação”. A relação não é algo que “pertence” ao homem, ou seja, para que a relação aconteça não depende somente dele, mas também do outro com quem é estabelecida a relação. A intencionalidade de proferir a palavra-princípio também não está na sua

⁴ Zuben traduz a palavra Ser: WESEN. A tradução mais correta é essência. Trata-se de um termo que Buber emprega muito frequentemente atribuindo-lhe um sentido profundo. Geralmente Wesen significa para Buber, em Eu e Tu, ser, natureza. Raramente lemos essência. Por esta razão, em várias passagens preferimos traduzir wesen por presente, pois sendo presença e presente conceitos centrais no pensamento de Buber, o ser no sentido mais profundo é o ser na relação que exige a totalidade de presença. Aquele que está presente em um evento de relação dialógica é essencial, pois proferiu a palavra-princípio com todo o seu ser (BUBER, 2006, p. 143).

consciência, essa se encontra entre a consciência e o mundo, ou o objeto com o qual é estabelecida a relação. Segundo o Buber, o Tu vem ao meu encontro, não porque o procuro, mas por graça, porém é preciso que haja também um esforço da minha parte para que aconteça tal encontro, e cada vez que acontece é de forma exclusiva, única, ou seja, nenhuma relação é igual a outra.

A cada atitude do homem ele se atualiza e fundamenta a sua existência no mundo. Essa atualização se dá por meio de uma das palavras-princípio. De acordo com a palavra que ele proferir⁵ será a forma de existência. “Não é o homem que é o condutor da palavra, mas é esta que o conduz e o instaura no ser” (ZUBEN, 2003, p. 91). É preciso que haja uma abertura por parte do homem e que o ser se doe para que se estabeleça a relação Eu-Ser. De acordo com Buber:

As palavras-princípio não exprimem algo que pudesse existir fora delas, mas uma vez proferidas elas fundamentam uma existência. As palavras-princípio são proferidas pelo ser. Se se diz Tu profere-se também o Eu da palavra-princípio Eu-Tu. Se se diz Isso profere-se também Eu da palavra-princípio Eu-Isso. A palavra-princípio Eu-Tu só pode ser proferida pelo ser na sua totalidade. A palavra-princípio Eu-Isso não pode jamais ser proferida pelo ser na sua totalidade (BUBER, 2006, p. 53).

Graças à doação do ser, o Eu (homem) profere a palavra-princípio. Cabe a ele aceitar ou não ao apelo do ser. Para que exista o Eu é preciso que seja proferida uma das duas palavras-princípio. “Sendo a palavra portadora do ser, o homem que a profere existe automaticamente graças a ela. Existir como Eu ou proferir a palavra-princípio é uma mesma coisa” (ZUBEN, 2003, p. 91). O Eu da palavra-princípio Eu-Tu é diferente do Eu da palavra-princípio Eu-Isso. Há, portanto, dois mundos, duas formas diferentes de relação. Não se pode dizer que existem dois Eus, mas uma dupla possibilidade de existência como homem. O Tu é primordial ao Isso. O que existe no mundo do Isso provém do Tu, por essa razão o Tu é primordial.

No entanto, de qualquer ângulo que se encare o pensamento buberiano percebe-se que para ele a essência do homem consiste em que este é um ser em relação. Seu

⁵ Para Buber o termo “proferir” existe na dupla possibilidade de existência do homem. Diante dessa dupla possibilidade o homem precisa tomar uma atitude, seja, Eu-Tu, seja, Eu-Isso. Ao proferir Eu-Tu o homem volta-se com a totalidade do Ser para o outro. Estar disponível inteiramente para o diálogo, para a relação. Não existe impedimento para o encontro, para a relação. Proferir Eu-Isso quer dizer não estar aberto para a relação, para o diálogo, é querer fazer daquilo que lhe está defronte algo da experiência, do uso.

pensamento abdica da ideia de um “Eu” que seja apercebido de maneira isolada, sem estar atrelado a alguma relação, seja da maneira objectual (Eu-Isso) seja de forma autêntica (Eu-Tu). Por isso, é importante para sua compreensão, que Buber seja diferenciado dos filósofos que defendem a ideia de uma coincidência do Eu consigo mesmo, como por exemplo, Descartes.

2.2 A AFIRMAÇÃO DO “EU” E A PERDA DO “TU” NO MUNDO DA RELAÇÃO: TÓPICO DA FILOSOFIA DA IDENTIDADE CARTESIANA.

Neste tópico do artigo se abordará questão da filosofia da identidade, a qual é rejeitada por Martin Buber, que é considerado o filósofo do diálogo devido à exposição da filosofia do Eu e Tu. Buber foi influenciado por Feuerbach e dele recebeu grande impulso que confirmou as convicções que habitavam seu espírito e que ajudou a amadurecer a filosofia exposta na obra Eu e Tu. Feuerbach também rejeita a filosofia da identidade, porque segundo ele, essa filosofia inverteu totalmente o ponto de vista da verdade, ou seja, o ponto de vista natural do ser humano, da distinção do eu e tu, sendo sujeito e objeto apenas, como observa-se na citação seguinte:

A filosofia da identidade absoluta inverteu completamente o ponto de vista da verdade. O ponto de vista natural do homem, o ponto de vista da distinção em eu e tu, em sujeito e objeto, é o ponto de vista verdadeiro e absoluto, por conseguinte, também o ponto de vista da filosofia (FEUERBACH, 1988, p. 97).

Segundo Feuerbach, a verdade não existe no pensamento em si mesmo, mas na totalidade tanto da vida quanto da essência humana. Isso na verdade já mostra uma diferença com o pensamento de Descartes que, na segunda meditação metafísica, afirma que o homem é pensamento. Feuerbach atesta que o homem não possui nele mesmo a essência tanto no ser moral quanto no ser pensante, mas na unidade, como pode ser comprovado pelas palavras do próprio filósofo que diz que:

O homem singular por si não possui em si a essência do homem nem enquanto moral, nem enquanto ser pensante. A essência do homem está contida apenas na comunidade, na unidade do homem com o homem – uma unidade que, porém, se funda apenas na realidade da distinção do eu e do tu (FEUERBACH, 1988. p. 98).

Por outro lado, no seu pensamento sobre o diálogo, Buber atesta que o homem é um ser de relação, e se existe um Eu é porque existe um Tu ou um Isso. O Eu não existe por si mesmo ou para si mesmo, existe na relação.

Ora, Descartes afirma que o homem é uma substância pensante, que existe em si e por si. No entanto, é importante lembrar que nesta pesquisa cabe abordar apenas sobre um tópico da filosofia cartesiana - a filosofia da identidade - expressa na meditação segunda, das meditações metafísicas. O objetivo de citar a filosofia da identidade nesta parte do artigo é justamente mostrar que Martin Buber é contra o princípio da filosofia da identidade em que se afirma somente um Eu como a primeira verdade e o fundamento do conhecimento, como é o caso da filosofia cartesiana.

Na meditação segunda, Descartes faz a seguinte afirmação:

Mas há um não sei qual enganador muito potente e muito astuto, que emprega toda sua indústria em enganar-me sempre. Não há dúvida, então, de que eu sou, se ele me engana; e que me engane o quanto quiser, jamais poderá fazer com que eu não seja nada, enquanto eu pensar ser alguma coisa. De sorte que, após ter pensado bem nisso e ter cuidadosamente examinado todas as coisas, é preciso enfim concluir e ter por constante que esta proposição, Eu sou, eu existo, é necessariamente verdadeira todas as vezes que a pronuncio ou que a concebo em meu espírito (DESCARTES, 2005, p. 42-43).

Não cabe aqui discutir sobre a primeira verdade, nascida do seio da dúvida cartesiana, mas mostrar o percurso feito por Descartes, querendo saber: “o que sou eu?” Eis aí, então, o que Descartes afirma: Eu sou, eu existo. Descartes continua a meditação atestando saber que existe, afirmando que um atributo que lhe pertence é o pensamento, e este não pode se desprender do dele:

E noto aqui que o pensamento é um atributo que me pertence. Só ele não pode ser desprendido de mim. Eu sou, eu existo: isto é certo; mas por quanto tempo? A saber, durante o tempo em que penso; pois talvez pudesse ocorrer, se eu cessasse de pensar, que cessasse ao mesmo tempo de ser ou de existir. Não admito agora nada que não seja necessariamente verdadeiro: não sou, então precisamente falando, senão uma coisa que pensa, ou seja, um espírito, um entendimento ou uma razão, que são termos cujo significado era-me anteriormente desconhecido (DESCARTES, 2005, p. 46).

Nesta citação, Descartes atesta ser e existir durante o momento em que está pensando, diz ser uma coisa pensante, um espírito. Após descobrir ser uma coisa pensante o filósofo mais uma vez questiona e explica: “Mas o que sou então? Uma coisa

que pensa. O que é uma coisa que pensa? Isto é uma coisa que duvida, que concebe, que afirma, que nega, que quer, que não quer, que imagina também e que sente (DESCARTES, 2005, p. 47). Todas as ações mencionadas pelo filósofo: duvidar, negar, querer, não querer, imaginar, sentir, são apresentadas por ele para remeter as funções que o pensamento exerce. Mais adiante, ainda na mesma meditação ele continua suas explicações dizendo que:

[...] se julgo que a cera existe, porque a toco, disso se seguirá ainda a mesma coisa, a saber, que sou; e, se o julgo pelo fato de que minha imaginação me persuade disso, ou por qualquer outra causa que seja, concluirei sempre a mesma coisa. E o que observei aqui da cera pode aplicar-se a todas as coisas que me são exteriores e que se encontram fora de mim. [...] conhecemos os corpos apenas pela faculdade de entender que está em nós, e não pela imaginação nem pelos sentidos, e que não os conhecemos pelo fato de os vermos, ou de os tocarmos, mas somente pelo fato de os concebermos pelo pensamento, conheço evidentemente que não há nada que me seja mais fácil de conhecer do que meu espírito (DESCARTES, 2005, p. 52 -55).

Segundo o filósofo, o “Eu” é uma substância pensante, de natureza espiritual. Esse Eu pensante é a primeira verdade na ordem das razões; é anterior a qualquer certeza proveniente dos dados dos sentidos, pode ser dado numa intuição intelectual. Para Martin Buber não existe um Eu desligado do mundo, o Eu existe em relação a um Tu ou a um Isso. Ele afirma que não existe Eu sem que haja um Tu ou um Isso, pois quando digo Eu é porque existe Tu ou existe um Isso. Não há como afirmar a identidade do Eu sem a presença do Tu. Segundo Buber “Não há Eu em si, mas apenas Eu da palavra-princípio Eu-Tu e o Eu da palavra-princípio Eu-Isso. Quando o Homem diz Eu, ele quer dizer um dos dois” (BUBER, 2006, p. 54).

Segundo Buber, um dos problemas que assola a humanidade é o fato da exagerada afirmação do Eu e da perda do Tu no mundo da relação. Isso significa que a ideia de uma consciência isolada do mundo tem como consequência a ideia de que o homem se basta a si mesmo, ou seja, ele é suficiente para ele mesmo e muitas vezes não precisa dos outros. Neste sentido, o que vale é aquilo que ele quer. O “nós” não existe. Para Buber, dizer nós é o mesmo que dizer Eu-Tu. Na citação a seguir, Zuben trata sobre a inexistência do “eu” em si mesmo afirmando que:

Não há um ‘eu’ em si, afirma com insistência Buber. O homem será um ser incompleto se for considerado como uma realidade em si. O ‘eu’ só pode significar o ente que profere uma das duas ‘palavras-

princípio’, seja a palavra do relacionamento objetivante Eu-Isso, seja a palavra da relação dialógica Eu-Tu (ZUBEN, 2003, p. 122).

Um dos principais traços do mundo atual é que o egoísmo e o egocentrismo impregnaram a sociedade de forma excessiva. A afirmação do Eu equivale dizer as seguintes ideias: eu quero, eu posso, eu faço, eu mando, eu gosto, eu vou, enfim, pode-se ter em mente muitos outros exemplos. O que predomina de fato é o Eu, o egótico. Essas características, segundo Buber, pertencem ao Isso e não ao Tu.

No entanto, é importante lembrar que nunca há um Eu separado, e poderia inclusive levar a dizer que tratá-lo separadamente, abstraído do mundo em que vive, é tratá-lo como um Isso, é objetificá-lo. Com as palavras do próprio Buber, se confirma o que foi exposto sobre a afirmação do Eu e da degradação do Tu no mundo da relação:

A vida do ser humano não se restringe apenas ao âmbito dos verbos transitivos. Ela não se limita somente às atividades que Têm algo por objeto. Eu percebo alguma coisa. Eu experimento alguma coisa, ou represento alguma coisa, eu quero alguma coisa, ou sinto alguma coisa, eu penso em alguma coisa. A vida do ser humano não consiste unicamente nisto ou em algo semelhante. Tudo isso e o que se assemelha a isso fundam o domínio do Isso. O reino do Tu tem, porém, outro fundamento (BUBER, 2006, p. 54).

De acordo com pensamento do autor, quando se fala sobre o Tu não se está referindo aos objetos, mas à relação, pois a relação⁶ só acontece quando é proferida a palavra princípio Eu-Tu. Quando se profere a palavra-princípio Isso certamente está se referindo a objetos ou coisas do gênero. O próprio Buber afirma que:

Aquele que diz Tu não tem coisa alguma por objeto. Pois onde há uma coisa há também outra coisa; cada Isso é limitado por outro Isso; o Isso só existe na medida que é limitado por outro isso. Na medida em que se profere o Tu, coisa alguma existe. O Tu não se confina a nada. Quem diz Tu não possui coisa alguma, não possui nada. Ele permanece em relação (BUBER, 2006, p. 54).

Buber usa o termo egótico⁷ para se referir àquele que profere a palavra princípio Eu-Isso e pensa somente em si. “A pessoa contempla-se o seu si mesmo, enquanto que o

⁶ Para Buber a palavra relação quer dizer reciprocidade.

⁷ Egótico: EIGENWESEN. Literalmente poderia ser traduzido por ser próprio. É um termo inusitado, mesmo em alemão. Aliás, Buber aprecia muito forjar palavras não se importando com o uso ou o sentido que possam ter na linguagem comum. Era uma carta ao tradutor da primeira edição inglesa de Eu e Tu Buber recusou o termo individualidade. Como Buber estabelece uma

egótico ocupa-se com seu “meu”: minha espécie, minha raça, meu agir, meu gênio” (BUBER, 2006, p. 93). Para Buber, quanto mais o homem e a humanidade se deixam dominar pelo que ele chama de egótico, mais a existência se torna inautêntica, ilegítima, pois para que o homem viva de maneira plena o Eu da palavra-princípio Eu-Tu tem que ser mais intenso diante da dupla possibilidade do Eu.

2.3 EU E TU: REVELAÇÃO DO DIÁLOGO COMO FUNDAMENTO DA EXISTÊNCIA HUMANA

Como já foi abordado no tópico anterior, as palavras-princípio Eu-Tu e Eu-Isso fundam duas possibilidades do homem realizar sua existência, mas aquela que é a base para a vida do diálogo é a palavra-princípio Eu-Tu, é ela que fundamenta o mundo da relação. Buber explica que a palavra-princípio Eu-Tu só pode ser proferida pelo ser na sua totalidade, é algo que se realiza entre um e o outro, o Eu se realiza com o Tu. Com as próprias palavras do filósofo percebe-se que entre o Eu e o Tu não pode existir barreiras ou impedimentos para que aconteça a relação:

A relação com o Tu é imediata. Entre o Eu e o Tu não se interpõe nenhum jogo de conceitos, nenhum esquema, nenhuma fantasia; e a própria memória se transforma no momento em que passa dos detalhes à totalidade. Entre Eu e Tu não há fim algum, nenhuma avidez ou antecipação; e a própria aspiração se transforma no momento em que passa do sonho à realidade. Todo meio é obstáculo. Somente na medida em que todos os meios são abolidos, acontece o encontro (BUBER, 2006, p. 59).

A relação tem por fim o próprio ser, ou o contato com o Tu. Aquele que está na relação certamente está participando de uma atualidade. Buber diz que toda atualidade é poder agir sem tomar posse dessa ação, pois se houver apropriação não existe atualidade. O homem precisa entrar em relação com o mundo para que seu Eu seja realizado de forma plena. Ele precisa dizer Tu para o outro, e para dizê-lo é preciso que seja com a totalidade do ser. É necessário então que haja uma aceitação do outro, sendo

distinção entre *Eigenwesens* e *Person*, o tradutor recorreu aos conceitos já consagrados na linguagem filosófica de pessoa e indivíduo. No contexto, *Eigenwesens* é o Eu da palavra-princípio Eu-Isso, enquanto que *Person* é o Eu da palavra-princípio Eu-Tu. *Eigenwesen* se refere à relação homem com o seu “si-mesmo”. Preferimos então a expressão ser egótico ou simplesmente o termo egótico, embora se trate de um termo pouco comum. Mais adiante Buber utiliza o termo *Eigenmensch* que traduzimos por egotista (BUBER, 2006, p. 148).

aquilo que ele é (BUBER, 2006, p. 59). Dizer Tu ao outro é muito mais do que o ato da fala, é, sobretudo o comprometimento com o outro no qual encontro face a face. Giles afirma que o relacionamento Eu-Tu realiza-se de forma completa no amor entre os esposos, pois, é aí que surge a união exemplar, duas pessoas que revelam o Tu uma à outra. O verdadeiro amor, que está na base deste relacionamento, implica o relacionamento e a confirmação do outro, em sua unicidade [...].

Segundo Buber, o amor não pode ser confundido com sentimentos, pois, o amor é a responsabilidade de um Eu para com um Tu. Os sentimentos são de suma importância para o matrimônio, mas sua essência não é constituída por eles, uma vez que o matrimônio cria seu próprio ritmo que alude auto-revelação ruptura e reconciliação. A essência do matrimônio, assim como a do amor, deve ser criada dentro do próprio relacionamento, no sentido de um responder ao outro, de um confirmar ao outro (GILES, 1989, p. 183). Enquanto que os sentimentos têm sua moradia no homem, o homem tem sua moradia no amor. Segundo Buber, o amor não se apega ao Eu a ponto de possuir o Tu como se fosse um “conteúdo”, pois o amor existe entre o Eu e o Tu, o homem que não tem consciência disso não sabe amar.

O encontro do Eu-Tu não se dá em ocasiões especiais, planejadas, mas acontece na vida cotidiana, é o homem que está preocupado com seus afazeres: “com os seus negócios; o operário da fábrica, o balconista da loja, o Office-boy do escritório, o homem da mina, o homem no trator” (GILES, 1989, p. 184), é a partir daí que se dá a relação Eu-Tu, na rotina de cada um. Na relação Eu-Tu não se deve falar de limites ou fronteiras, pois cada um preenche o firmamento do outro, cada um vive no outro. Buber fala que isso não deve ser chamado de experiência, porque experiência se refere a objeto, e sendo assim o sujeito que conhece o objeto é diferente do mesmo.

2.4 O PROBLEMA DO “ENTRE”: ELO ENTRE O EU E O TU

A esfera do “entre” é um conceito criado por Martin Buber no ano de 1905. Ele o desenvolveu posteriormente, no ano de 1938, na obra “O problema do homem”. Tal conceito é considerado por ele como sendo um lugar, o suporte que acontece entre dois seres humanos. O filósofo reconhece no “entre” como sendo o lugar existencial por excelência. Segundo Buber, usando tal conceito se estaria ultrapassando elucidações psicológicas ou socialistas das relações humanas.

De acordo com Buber, o “entre” é o “intervalo”, lugar onde acontece a revelação da palavra que é proferida pelo ser. Esse intervalo existe entre os dois polos que estão envolvidos na relação, seja, Eu-Tu, seja, Eu-Isso. Para Buber o “entre” é a esfera primordial e existencial em que os eventos autenticamente inter-humanos acontecem. Isso ao se tratar das relações entre os seres humanos. Ele afirma que, pela distância, um sujeito da relação – Eu – reconhece a alteridade do outro e ao entrar em relação, o Eu confirma o outro como outro. Esta presença e confirmação de um para com o outro acontece na esfera denominada por ele como “entre”.

A seguir, Buber esclarece como o “entre” se instala entre duas pessoas:

Somente aquele que se volta para o outro homem enquanto tal e a ele se associa recebe neste outro o mundo. Somente o ser cuja alteridade, acolhida pelo meu ser, vive face a mim com toda densidade da existência é que me traz a irradiação da eternidade. Somente quando duas pessoas dizem, uma-à-outra, com a totalidade dos seus seres: “És tu!” é que se instala entre elas o Entre (BUBER, 1982, p. 65).

Na concepção buberiana, relação é reciprocidade, e quando esta acontece, um homem vê o outro em sua alteridade. Para que isso aconteça é preciso que haja uma ultrapassagem no que diz respeito ao campo privado de cada um, para que dessa forma possa ser estabelecida uma esfera que seja comum para ambos, ou seja, trata-se da esfera do “entre”. Sendo assim, o “entre é a condição para que aconteça a atualização da relação, e esta, é por assim dizer, um evento da palavra (ZUBEN, 2003, p. 209).

2.5 IMPORTÂNCIA DO “ISSO” PARA VIDA DIALÓGICA

Para Buber, o diálogo autêntico ocorre quando existe a totalidade do ser. Essa totalidade ocorre quando se profere a palavra princípio Eu-Tu. A palavra princípio Eu-Isso refere-se ao mundo da experiência, da utilização, o homem não pode viver somente nesta esfera. Porém para Buber - o homem - também não pode viver sem esta esfera, pois é nela que acontece a relação. Buber ressalta que o mundo é duplo para o homem, então sua atitude é dupla. Quando o homem profere a palavra-princípio Eu-Isso ele está se referindo às coisas objetificantes, coisas da experiência. Buber descreve como é a atitude do homem em relação ao mundo do Isso que é o mundo da experiência:

Ele percebe o ser em torno de si, as coisas simplesmente e os entes como coisas; ele percebe o acontecimento em seu redor, os fatos simplesmente e as ações enquanto fatos, coisas compostas de qualidades, fatos compostos de momentos, coisas inseridas numa rede espacial, e fatos numa rede temporal, coisas e fatos limitados por outras coisas e fatos, mensuráveis e comparáveis entre si, um mundo bem ordenado e um mundo separado. Esse mundo inspira confiança até certo ponto; ele apresenta densidade e duração, numa estrutura que pode ser abrangida pela vista, ele pode ser sempre retomado, repetido com olhos fechados e experienciado com olhos abertos; ele está aí, junto à tua pele, se tu o consentes, escolhido em tua alma, se tu assim o preferes (BUBER, 2006, p. 72).

Buber explica que o mundo do Isso apresenta coerência tanto no espaço quanto no tempo, ou seja, ele é ordenado, organizado, diferente do mundo do Tu que não aparece de forma ordenada, organizada, lógica, mas acontece no momento da relação, é presença, atualidade. Buber afirma que sempre que o mundo do Tu termina uma relação, ele volta a ser um Isso. Depois de se tornar um Isso, pode vir a ser um Tu novamente, veja o que Buber diz:

Cada Isso pode, se entrar no evento da relação, tornar-se um Tu. Estes são dois privilégios fundamentais do mundo do Isso. Eles impelem o homem a considerar o mundo do Isso como o mundo no qual se deve viver, no qual se pode viver, o mundo que oferece toda espécie de atrações e estímulos de atividades e conhecimentos (BUBER, 2006, p. 74).

No entanto, é digna de nota a atitude Eu-Isso. Ela é importante e não deve ser vista como um mal ou algo negativo. Pois, essa relação representa simplesmente a atitude do homem no mundo na qual ele compreende e usufrui de todas as obtenções de conhecimento tecnológico e científico que foram produzidos na história humana. É onde é possível os homens se encontrarem e se entenderem. Claro que não deve ser a base da vida humana, mas não deixa de ter sua importância. Como foi mencionado, é preciso ter claro que o Eu-Isso não é algo negativo em si, mas pode vir a se tornar um mau a partir do momento em que o homem, levado pelos seus interesses e propósitos, acaba se esquecendo dos valores que o levam ao encontro do outro: responsabilidade, disponibilidade, abertura, etc (BUBER, 2006, p. 72).

Essa atitude do Eu-Isso ou Eu-Coisa é uma característica marcante dos cientistas, porém não se limita somente aos objetos, mas pode existir entre os seres humanos. Da mesma maneira que podem acontecer duas atitudes do homem perante o mundo, perante as pessoas (Eu-Tu e Eu-Isso), também tais atitudes podem ser

assumidas por qualquer homem. Segundo Giles, não se deve pensar no relacionamento com as coisas como algo puramente negativo, pois esse tipo de relacionamento é o que proporciona várias possibilidades vivenciais. Por meio de experiências objetivantes o homem adquire conhecimentos que podem auxiliá-lo para que possa ter certo controle sobre a natureza e alcançar uma perspectiva de forma mais fiel acerca do mundo. Giles descreve alguns motivos pelos quais a atitude Eu-Isso traz muitos benefícios:

É dentro da perspectiva das coisas que os cientistas do mundo inteiro podem comunicar-se através de símbolos matemáticos, símbolos estes que são livres de conotações e de matizes culturais, associados a palavras tais como ‘democracia’ e ‘liberdade’ etc., palavras suscetíveis de interpretações radicalmente divergentes, conforme o ambiente cultural, político etc. Contudo, o relacionamento eu-coisa não é mau em si [...] (GILES, 1989, p. 181).

A atitude Eu-Isso não é má em si, ela passa a ser algo ruim a partir do momento que passa dos limites que lhe compete. Isso ocorre quando o homem fica preso com suas preocupações, esquecendo-se de responder de forma espontânea a todos os indivíduos com os quais ele se encontra. Apesar da grande importância do Isso, é preciso ter bem claro que não se deve fazer dele o sustentáculo da vida dialogal e relacional, como diz Buber, “com toda serenidade da verdade, ouça: o homem não pode viver sem o Isso, mas aquele que vive somente com o Isso não é homem” (BUBER, 2006, p. 74).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O modo como Martin Buber apresenta seu pensamento sobre o diálogo na obra “Eu e Tu”, à primeira vista pode parecer um tanto quanto obscura. Embora seja perceptível certo prazer estético perante expressões belíssimas e ricas, como Eu-Tu, Eu-Isso, Reciprocidade ou Encontro. Tais palavras, se não compreendidas, podem ofuscar o sentido que Buber quis transmitir com seu pensamento. Parece que essas ideias foram colocadas propositalmente, pois se às vezes são enigmáticas e de difícil compreensão numa primeira leitura, elas exigem do leitor certa postura especial: o leitor deve se comprometer com o texto de maneira a colocar nas leituras subsequentes sua própria existência em questão.

Portanto, não se pode considerar a referida obra como um objeto de prazer estético apenas, mas como um texto que denota um comprometimento existencial com um Tu, a partir do qual se pode estabelecer um diálogo. Muito mais do que transmitir qualquer teoria ou conhecimento, a intenção de Martin Buber sempre foi mostrar como se estabelecem os verdadeiros laços e as relações em todos os níveis: na relação coisificante, nas relações com a natureza, com os homens e com Deus.

É possível perceber no pensamento de Buber, bem como no trabalho exposto, que o mundo dialógico é o que fundamenta a existência humana. É verdade que o diálogo não é um tema novo, pois é comum os homens o sugerirem como um remédio para os males que acontecem na sociedade e na vida humana. Mas também é verdade que são raros os casos de estudiosos das ciências humanas e da filosofia que fazem adesão à proposta buberiana sobre o diálogo; proposta que indubitavelmente é segura e autêntica. Uma prova disso é que suas obras são muito pouco traduzidas no Brasil, assim como há um pequeno número de estudiosos dessas mesmas obras.

A proposta dialógica buberiana é atípica, pois não trata da questão como um simples processo psicológico ou apenas meio de comunicação, ele vai além daquilo que costuma ser tratado. Ele conecta o diálogo com suas raízes, ou seja, o diálogo é aquilo que fundamenta a própria existência humana. Nesse sentido, questionar a si mesmo, a partir da reflexão de Eu e Tu, é mais do que simplesmente fazer um exercício da intelectualidade, mas se trata de um ato que é vital, no qual o que está em questão é a própria existência. Talvez pelo fato de Buber ter sido “atípico” é que ele seja desconhecido na atualidade. Pode ser que o homem sinta receio de se comprometer com tal pensamento e reflexão que certamente exigem uma postura existencial singular com o “outro”, na qual irá desembocar no âmbito ético, social e político.

Em todo caso, fica claro, a partir de tal reflexão que o diálogo genuíno, a relação Eu-Tu precisa ser resgatada. É somente resgatando o Tu no mundo da relação que se pode viver autenticamente entre os homens, e a partir disso, formar a comunidade tão sonhada por Buber: a comunidade onde existe o respeito, o amor, a comunidade formada por homens íntegros, autênticos e movidos pelo desejo de amar.

REFERÊNCIAS

BUBER, Martin. *Que es el hombre?* Trad. Eugenio Imaz. México: Fondo de Cultura Economica, 1965.

_____. *O socialismo utópico*. São Paulo: Perspectiva, 1971.

_____. *Do diálogo e do dialógico*. São Paulo: Perspectiva, 1982.

_____. *Sobre comunidade*. Trad. Newton Aquiles Von Zuben. São Paulo: Perspectiva, 1987.

_____. *Encontro: Fragmentos Autobiográficos*. Trad. Sofia Inês Albornoz Stein. 4. ed. Petrópolis: Vozes. 1991.

_____. *Imagens do bem e do mal*. Trad. Edgar Orth. Petrópolis: Vozes, 1992.

_____. *EU e TU*. 10. Trad. Newton Aquiles Von Zuben. São Paulo: Centauro Editora, 2006.

DESCARTES, René. *Meditações metafísicas*. Trad. Maria Ermantina Galvão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. Trad. Roberto Leal Ferreira. *Discurso do método; Meditações*. São Paulo: Martin Claret, 2008.

FEUERBACH, Ludwig. *Princípios da filosofia do futuro e outros escritos*. Lisboa: Edições 70, 1988.

GILES, Thomas Ransom. *História do existencialismo e da fenomenologia*. São Paulo: Editora Pedagógica Universitária, 1989.

PAVANETTI, Eduardo. *Diálogo em questão*. ed. São Paulo: Paulinas, 1972.

REHFEL, Walter. *Introdução à mística judaica*. Ed. São Paulo: Cone Editora, 1986.

ZUBEN, Newton Aquiles Von. *Martin Buber: Cumplicidade e diálogo*. ed. Edusc: Bauru - SP, 2003.

Notas